

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFICULDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL.

Maria Francisca Ribeiro da Conceição¹; Andrezza Borges da Silva²; Maria Karoline Ribeiro Brito³ e Silvaneide dos Santos Silva⁴

1. Universidade Estadual da Paraíba, mirianribeirocunha@hotmail.com
2. Universidade Estadual da Paraíba, andrezaborgesacademica@hotmail.com
3. Universidade Estadual da Paraíba, stakarolinebrito@hotmail.com
4. Universidade Estadual da Paraíba, neide20122012@hotmail.com.br

Introdução:

Na nossa sociedade moderna, já tivemos um grande progresso em relação a inclusão de crianças com diversos tipos de dificuldades de aprendizagem, inclusive com o TEA, no meio educacional e social. Sabemos que durante um longo período estas pessoas foram excluídas da sociedade, inclusive da educação, em grande parte por não serem consideradas capazes de adquirir conhecimentos e ainda serem vistas como pessoas anormais.

As dificuldades de aprendizagem são vivenciadas diariamente nas escolas e por muitas famílias de todos os lugares. Existem ainda muitas dificuldades a serem vencidas pelas escolas e familiares destas crianças, pois, sabemos que segundo CRUZ (2015) “As pessoas com algum tipo de deficiência podem apresentar dificuldades para realizar as atividades de rotina, tanto no cuidado pessoal quanto na aprendizagem. Até mesmo nas atividades mais comuns elas podem necessitar de auxílio e, muitas vezes, ter atitudes que fazem parecer que elas têm menos idade do que tem realmente.”

O autismo é uma condição provida de um transtorno que implica na dificuldade de comunicação e de interação daquele ser humano com o todo o resto, e inúmeras outras dificuldades providas por esse transtorno. A criança autista tende a se isolar, a fazer movimentos repetitivos e possui grande dificuldade de interagir socialmente, como por exemplo, se manter estabelecido em uma conversa, ainda possui atraso no aprendizado da fala e tantas outras dificuldades encontradas por estas crianças.

Assim, objetivamos analisar e refletir como se dá, de fato, esta inclusão na educação infantil, visto todas as dificuldades encontradas por esta criança nesta nova etapa, as dificuldades encontradas pela escola e pela família no processo de diagnóstico e tratamento, e ainda como essa inserção pode auxiliá-lo no desenvolvimento de suas habilidades ou até mesmo piorar suas dificuldades caso não haja um trabalho bem feito visando sempre o bom desenvolvimento de habilidades daquela criança. Assim, pretendemos buscar respostas para esses questionamentos e ainda, conhecer as etapas desse processo tanto para o autista quanto para todo o meio em que ele está sendo inserido. Por estes motivos escolhemos analisar este processo, para entender efetivamente como se desenvolve este processo e as dificuldades encontradas dentro dele.

Metodologia

O método que pretende ser utilizado para a realização desta pesquisa é o método descritivo, onde iremos buscar esclarecer, entender, e descrever tudo a respeito do tema abordado, já, que segundo GIL (2012, PÁG. 42):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa será desenvolvida a partir de grande revisão bibliográfica já existente sobre o assunto, analisando e comparando as teorias já desenvolvidas por diversos autores como Borba e Barros, Cruz, Dar Resposta e Uchôa por exemplo, para se obter os dados concretos e necessários a respeito do processo de inclusão de crianças autistas na educação infantil para se construir resultados satisfatórios para esta pesquisa.

Resultados e discussões

1. Em breve consideração, o que seria o autismo?

Autismo é considerado um transtorno que provoca dificuldades na comunicação, na interação social e na realização de atividades, que não possui um conceito estabelecido por está em mudanças constantes a partir das novas descobertas realizadas pela ciência a respeito desta condição. A criança autista pode ser diagnosticada a partir dos 2 ou 3 anos de idade, por uma junção de comportamentos que se caracterizam pela dificuldade nas três áreas básicas do desenvolvimento social e que podem ser diagnosticados em diferentes graus.

O diagnóstico do TEA deve ser feito cautelosamente, a partir da observação do comportamento e na avaliação psicológica e educativa, seguindo os critérios exigidos no DSM V, que é o Manual Estatístico e Diagnóstico de transtornos mentais, em sua quinta versão, utilizado para diagnosticar o Transtorno de Espectro Autista nos sujeitos.

Para ser diagnosticada com autismo a pessoa precisa obter sinais que comprometam sua capacidade de se relacionar com o meio em que vive e estar dentro dos critérios exigidos. Quando falamos em autismo, precisamos entender que este possui três níveis de comprometimento, o nível 1 é o menor grau de dificuldade e o nível 3 o maior nível de dificuldade nos sintomas. Este diagnóstico é de suma importância para o autista, para que ele possa possuir acompanhamento adequado e intervenções corretas para auxiliar no seu desenvolvimento.

O autismo acaba afetando a maneira como a criança enxerga o mundo e principalmente, a maneira como ela se mantém nele. A criança autista possui atraso na fala,

comportamentos repetitivos, e podem ou não se tornarem agressivos, possuem um desenvolvimento emocional confuso, isolamento social, entre tantas outras dificuldades que provem do transtorno e que afetam sua vivência social, porém, muitas vezes elas também possuem grande desenvolvimento de suas habilidades motoras, musicais, de memória e outras.

Segundo OCHÔA (2015, pág. 16) “Uma criança que é considerada ‘normal’, desde pequena já responde aos estímulos internos, por exemplos o choro quando esta com fome ou dor, já a criança autista não transmite essa mesma reação, pois ela se isola do ambiente social” assim, ela acaba não desenvolvendo o comportamento social, o que implica em dificuldades de interação e comunicação prejudicando seu desenvolvimento comportamental para que possa conviver normalmente com na sociedade dentro de suas dificuldades.

Portanto “Embora a definição de autismo esteja a mudar, as características principais da perturbação permanecem as mesmas. Uma vez que as pessoas com diferentes níveis de autismo apresentam muitas características similares, que apenas variam em grau [...]” (DAR RESPOSTA, 2014, pág. 21)

2. A importância da participação familiar na vida do autista

Não é nada fácil receber o diagnóstico de autismo para qualquer família, pois, o dia-a-dia de uma criança autista é complexo e precisa de intervenção intensa e diária. O processo de aceitação do diagnóstico é difícil e complexo, já que o misto de emoções envolvidos são vários, como o choque, a tristeza, a raiva, a culpa, o medo e a aceitação ou não deste laudo está intrinsicamente ligado a estes sentimentos.

Os pais e responsáveis também precisam de acompanhamento nesta etapa, e ainda de conhecimento sobre o que é realmente é o autismo e instruções para como lidar com o desenvolvimento desta criança, para assim poder auxiliá-la no seu processo educativo e de desenvolvimento social.

[...] Cuidar de uma criança diagnosticada com autismo requer um aprendizado constante e uma enorme capacidade de comemorar pequenos progressos. Felizmente, a ciência está avançando rapidamente e já se conhece uma boa parte da tarefa sobre como lidar com uma criança diagnosticada com autismo [...] (BORBA e BARROS, 2018, pág. 2)

A família precisa estar disposta a auxiliar o autista nos tratamentos, para que este possa viver com melhores condições de desenvolvimentos sociais. É preciso, acompanhá-lo, incentivá-lo e ajudá-lo a vencer determinadas barreiras com o auxílio e acompanhamento de uma equipe multidisciplinar adequada a lidar com esta criança e que possam estimular o seu desenvolvimento de muitas maneiras.

Quando a família não aceita a criança como ela é, e não a ajuda a enfrentar suas dificuldades e não persistem no tratamento indicado, temos uma maior dificuldade da criança em desenvolver suas habilidades, podendo piorar seu nível autista e dificultando mais ainda sua vida, pois, com o crescimento desta criança ela acaba se reclusando mais ainda e se isolando socialmente, o que como já foi dito, atrasa o seu desenvolvimento..

Com a entrada desta criança na escola, os responsáveis precisam estar ainda mais presente, pois, ali o autista pode se desenvolver ou não, e sua participação neste processo é de suma importância para com o autista, a rotina proposta, as questões visuais, as dificuldades no desenvolvimento das atividades propostas e no processo de construção de conhecimento, nas suas atividades do dia-a-dia, enfim, em todo o contexto de vida do autista a família precisa estar presente.

Por isto, segundo CRUZ (2015, pág. 12) é necessário que:

O diagnóstico precoce e o atendimento especializado à criança e à família podem auxiliar no seu processo, aumentando sua capacidade de interação. Quando estimuladas adequadamente, de forma sistemática, podem ter bons resultados, daí a importância da família no processo desde o nascimento.

3. A importância escolar para o desenvolvimento das habilidades dos autistas

Sabemos que uma educação pública e gratuita é um direito de todos, assegurados na nossa constituição e em todas as bases e diretrizes curriculares brasileiras. Mas, nem sempre foi assim, por longos períodos, as crianças com qualquer tipo de Necessidades Educativas Especiais (NEE) eram excluídas deste convívio educacional e pior ainda, de toda uma sociedade. No Brasil, após a Constituição de 1988, esse direito passou a ser obrigatório nacionalmente.

Hoje, sabemos que é lei e direito que toda criança com qualquer tipo de NEE tem que ser incluída no sistema de ensino nacional. Mais esta inclusão não é tão simples, ela precisa acontecer de forma adequada, com professores capacitados, escola estruturada para receber qualquer criança, acompanhamento educacional adequado que promova a construção de conhecimentos e desenvolvimentos de habilidades naquele aluno, enfim, uma gama de fatores está presente nesta inclusão e que podem prejudicar este aluno ainda mais se não ocorrer de maneira adequada.

A escola nesse contexto tem de possuir capacidade de incluir aquele aluno efetivamente, ou seja, estimulando suas habilidades, vencendo os desafios diários da criança e da sociedade, porque não é só fazê-lo aprender, e sim que a sociedade o respeite e o aceite como ser humano igual, mais com necessidades diferentes. Para isto a escola necessita, de estrutura física adequada, acompanhamento especializado para aquele aluno, professores capacitados a trabalhar com estas crianças, do apoio da família para que ela se encontre presente nesse processo de adaptação e desenvolvimento, de mudanças na prática cotidiana como na linguagem, nos métodos educativos, na rotina, e etc., para que aquele aluno realmente seja incluído, enfim, a escola precisa estar capacitada para lidar com este novo alunado que precisa ser incluído e aceitado.

Na prática, o que temos são escolas ainda em grande maioria, sem capacidade de incluir este aluno, que não possuem recursos e métodos adequados para lidar com eles, famílias que não aceitam a criança como ela é e não lhes fornecem um acompanhamento adequado, e professores sem conhecimento do transtorno e sem qualificação adequada para atuar com estas crianças.

Quando pensamos no papel do professor, precisamos pensar que:

É necessário que o professor esteja disposto para trabalhar com quaisquer dificuldades que lhe apareça. Sua prática educacional deve estar adequada e preparada para receber os alunos e suas necessidades. O professor precisa sempre estar se atualizando, não apenas se acomodar nos conteúdos estudados na graduação, mas buscar através de leituras e de especializações novos conhecimentos para trabalhar com as crianças e não se surpreenderem quando tiver que ensinar uma criança com autismo. (UCHÔA, 2015, pág. 20)

4. Resultados preliminares

A partir das contribuições até aqui adquiridas, podemos perceber que ainda é grande a resistência da família em procurar ajuda necessária para a criança autista, por muitas vezes não aceitarem que ele possua determinadas diferenças de outras crianças, e também por não conhecerem de fato que é o transtorno e por não saberem como lidar com a situação, enfim, são inúmeros motivos pelos quais muitas vezes os pais não aceitam seus filhos autistas e acabam não ajudando-lhes a vencerem suas barreiras.

Também, foi possível notar até aqui, que a escola tem papel fundamental na vida de um autista, é nela que ele deve aprender a socializar objetos e conhecimentos, a desenvolver certas habilidades, a promover sua socialização com outras pessoas, e encontrar apoio e a se sentir como qualquer outra criança, mas com determinadas diferenças que precisam ser trabalhadas de maneira adequada, para que assim ela possa poder conviver com outras pessoas e enfrentar suas próprias barreiras todos os dias.

Porém, a escola muitas vezes não tem conseguido incluir estas crianças verdadeiramente, por muitos fatores como, falta de professores qualificados, falta de conhecimento de causa, falta de apoio institucional e das famílias, enfim, são inúmeros os motivos que tem promovido em falsa inclusão destas crianças, o que acaba, muitas vezes, provocando um agravamento dos sintomas autistas naquelas crianças podendo até aumentar seu nível e conseqüentemente as suas dificuldades diárias.

Conclusões

Concluimos até aqui, que o processo de inclusão da criança autista no ensino infantil ainda apresenta enormes dificuldades, tanto por parte da escola em não conseguir incluir este aluno adequadamente, quanto pelas famílias e todas as outras partes envolvidas neste processo.

Assim, podemos perceber que a escola ainda não possui professores qualificados para receber estas crianças, para conseguir fazer com que este aluno consiga aprender principalmente conseguir ensino em uma sala de ensino regular onde ele precisa utilizar métodos que envolvam a turma com este aluno e que promova o desenvolvimento das habilidades daquela criança. Sabemos então, que as escolas necessitam de professores que tenham em sua formação uma qualificação para lidar com inúmeras situações do cotidiano

da sala de aula e para conseguir superar todas as dificuldades presentes no ensino de crianças autistas.

Além da dificuldade do professor, podemos perceber até aqui, que a escola também não possui estrutura adequada, métodos de ensino adequados para aquela situação, e apoio especializado para cada criança ali matriculada e que precisa de seu total esforço e dedicação para apresentar melhorias nas suas dificuldades. Também ficou notório, a falta de políticas públicas que favoreçam a escola em suas dificuldades e que forneça apoio, qualificação e recursos necessários para se promover esta inclusão.

Outro ponto que merece ser destacado até aqui é o da importância da família nesse processo, onde eles também devem receber apoio, qualificação para saber conviver e ajudar o autista, e sobretudo aceitar, pois, se a família não aceita, não inclui, não auxilia a criança em suas dificuldades e não busca o atendimento especializado e adequado para o autista, a sua socialização e desenvolvimento na escola e em qualquer outro lugar torna-se muito mais complicada e prejudicial aquela criança.

Referências

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo.** Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

CRUZ, Catia Nogueira da. **Relações família-escola na educação e no desenvolvimento intelectual de uma criança com diagnóstico de síndrome de espectro autista.** Brasília, 2015.

DAR RESPOSTA, Associação. **Perturbação do espectro do autismo: E agora?** Guia para as famílias após o diagnóstico. 2014.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

UCHÔA, Yasmim Figueiredo. **A criança autista na educação infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva.** Campina Grande, 2015.